

ENTREVISTA


Alex Ka Wei Tso

“Tive de me desgarrar do estereótipo de que todo arquiteto deve ser arquiteto de projeto.”

Alex Ka Wei Tso entrou na FAU em 2008 pretendendo ser docente ou pesquisador. Em seus estudos ele integrou Arquitetura e Arte, trabalhando hoje em uma galeria de arte. Durante o curso realizou dois intercâmbios na China e direciona suas atividades para tornar-se referência no Brasil em arte asiática.

JC – Quando veio a ideia de seguir Arquitetura?

Alex – Eu gosto de estudar e me interessava por várias áreas. Eu queria estudar tudo. Sempre fui próximo de Exatas, mas com o passar do tempo percebi que tinha uma forte ligação com Humanas. E Arquitetura me pareceu um equilíbrio muito bom. Tem um pouco de Exatas, um pouco de Humanas. A certeza veio no 3º ano, depois que comecei a fazer aqui o Reforço com Linguagem para Arquitetura (RLA). Foi uma boa escolha.

Onde você prestou seus vestibulares?

Na Unicamp e no Mackenzie e fui aprovado em ambos.

No 3º ano você mudou sua rotina de estudos, visando a FAU?

Sim. Eu já estudava bastante, mas no 3º ano fiquei totalmente empenhado. Estudava praticamente de domingo a domingo, o dia inteiro. Minha rotina era: ia para aula, almoçava, ia para a Sala de Estudos e para o Plantão de Dúvidas. Às 4 e meia da tarde dava uma pausa de 20 minutos, comia um lanchinho e depois ficava na Sala de Estudos até fechar. Voltava para casa, estudava, dormia às 11 horas e acordava às 6 da manhã no dia seguinte. Era superpuxado assim.

Alguma dificuldade quando começou a FAU?

O curso tem uma pegada artística e nisso você fica um pouco perdido. O curso da FAU é muito livre e solto. Até acabei largando a mão. Na verdade, eu queria seguir minha rotina de estudo, mas lá o esquema era outro. Era às vezes sair da aula um pouco mais cedo, ir conversar com as pessoas que estavam produzindo outras coisas no próprio prédio, participar de alguma mesa-redonda. Depois encontrei um equilíbrio para fazer tudo.

Quando você realmente encontrou seu ritmo?

Mais para o 3º, 4º ano comecei a ter uma postura um pouco mais madura em relação à minha formação. “Estou aqui, já curti, vi tudo. O que vou fazer na carreira?”. Cada ano experimentei um pouco. No 2º ano eu estava mais voltado para a área de planejamento urbano. No 3º ano estava querendo trabalhar com iluminação e peguei matérias optativas nessa área.

Em algum momento você pensou em buscar outra carreira?

No 1º ano eu tive uma crise porque gostava muito de escrever e tinha um professor que falava que todo arquiteto precisa saber desenhar. Eu gosto de me expressar em palavras e

ENTREVISTA

Carreira – Arquitetura

1
POIS É, POESIA

Luís Vaz de Camões

6
ENTRE PARÊNTESES

Promoção de sorvetes

8
CONTO

O segredo do bonzo – Machado de Assis

4
ARTIGO

Matemática é aplicada à otimização de granja no interior paulista

7
ESPECIAL

Alunos do Colégio Etapa ganham 7 prêmios no SPMUN 2015

8

não tanto em desenho. E ficava pensando se teria de ir para outra área porque não me expressei do jeito que o arquiteto deveria. Mas aí percebi que gostava de escrever muito porque gostava de ler muito. Percebi com o tempo que eu era muito teórico. Gostava de estudar História da Arquitetura, debater teoria de Arquitetura, essas coisas. Pensei em mudar, mas ao mesmo tempo me sentia bem na FAU e sabia que poderia crescer lá. Só tive de me desgarrar do estereótipo de que todo arquiteto deve ser arquiteto de projeto.

Que matérias você teve em cada ano?

No 1º ano tivemos Introdução ao Projeto, para você ter noção de desenho, de técnica. Tinha também uma parte de desenho, modelo vivo, algumas coisas de comunicação visual. Tem um pouco dessa parte artística e um pouco da técnica. Depois tivemos matérias mais ligadas a Engenharia Civil, como Topografia. Também tinha Cálculo. No 2º ano entraram matérias mais específicas, como Planejamento Urbano. Tinha Fundamentos Sociais da Arquitetura, História da Arte, História da Arquitetura. O 3º ano foi um aprofundamento dessas matérias e também você já começava a poder pegar optativas. A grade horária da FAU é muito pesada. Quem quiser fazer Arquitetura vai ter que varar noites. Virei várias noites na própria FAU, nem dormia.

Você chegou a participar de alguma atividade fora do curso?

No 1º ano eu participei de uns voluntariados sobre questões de habitação social – numa favela em Guarulhos. Eu estava querendo não só ser um arquiteto, mas um cidadão consciente. Fiz iniciação científica na ECA e dois intercâmbios na China.

Qual foi o trabalho na iniciação científica?

Foi no 2º ano, em 2009. Tinha feito uma matéria na ECA com o pessoal de Relações Públicas e Publicidade. Conheci um professor muito forte nas novas tecnologias e fiz uma iniciação científica com ele, sobre o uso de ferramentas digitais de ensino. Por orientação dele, eu dava umas aulas optativas na ECA usando plataformas digitais. Eu sempre tive grande interesse em dar aula.

Você falou que foi para a China. Como foi isso?

Eu sempre pesquisei intercâmbio, mas ficava um pouco com o pé atrás porque minhas notas eram boas, mas não tão boas. Aí surgiu o programa de bolsas do Santander, o Top China. Fiz a entrevista, arrumei a papelada, fui escolhido. Em 2012, nas férias de julho, fomos eu e mais cinco estudantes da USP, mais um professor. Ficamos um mês na China com tudo pago, passagem, alimentação, hospedagem.

Todo mundo da FAU?

O professor era da FAU. Fomos eu e outro aluno da FAU, uma aluna de Letras, que estudava Mandarim, outra de Re-

lações Internacionais e outra de Ciências Biológicas. Na China, metade foi para a Universidade de Pequim, metade para a Universidade de Xangai. Ficava-se um tempo em uma e depois trocava. Comecei em Xangai e fui para Pequim para o resto do programa.

Como foi essa experiência?

Foi muito boa. Para mim foi uma troca cultural, um pouco de volta a minhas raízes, uma cultura que eu não conhecia tanto. Foi bom tanto culturalmente quanto academicamente. Tinha aula de manhã e passeio à tarde. Dava para ter um equilíbrio bom de aprendizado e diversão.

Você precisava falar em chinês (mandarim)?

Nesse processo eu até arrisquei usar um pouco meu mandarim, mas o padrão era falar inglês.

E o segundo intercâmbio na China, quando foi?

O segundo intercâmbio, em 2013, foi pela USP. Fiquei seis meses, de janeiro a julho, na Beijing University, em Pequim. Fui sozinho, mas morei com dois amigos da FAU que estavam lá fazendo curso de chinês. Fiz um projeto de estudos para pegar matérias em inglês, só que deu um problema na faculdade e naquele ano ela não ofereceu o curso em inglês. Conversei com o diretor da faculdade e ele me perguntou se queria tentar assistir a umas aulas em chinês. Falei: “Eu posso tentar, mas sei que não vou entender muito”. Meu chinês não é muito bom, mas fiquei fazendo umas aulas de chinês na própria universidade e acompanhando umas atividades, sem aproveitamento de crédito, que era o que tinha planejado. Conversei com um professor e comecei a fazer um projeto próprio lá dentro, um projeto de arte e arquitetura que foi desembocar no meu trabalho final de graduação. Queria discutir como se dava a influência entre essas duas áreas no campo criativo.

Qual foi o tema desse seu trabalho?

O tema foi “Arte como um processo de experimentação espacial”. Fiz um panorama histórico das intersecções entre Arte e Arquitetura ao longo da história. A base foi um doutorado que li de um professor que indicava que arquitetos podem ser mais artistas, às vezes, como também os artistas podem ser mais arquitetos. Eu sempre gostei desse diálogo muito rico e tentei encontrar uma ponte entre essas duas áreas. Para conciliar coisas que poderiam dar muito mais liberdade para o arquiteto e muito mais riqueza para o artista.

E como foram seus estágios?

No primeiro que fiz, trabalhei num laboratório de digitalização de acervos. A gente estava digitalizando todos os desenhos técnicos de todos os prédios do campus do Butantã para a Coordenadoria do Espaço Físico da USP, que é responsável pelas obras no campus. No segundo, trabalhei

no Laboratório de Modelos e Ensaios da FAU, um lugar gigantesco que todo aluno da FAU usa para fazer maquetes, projetos. Fiz esse segundo estágio depois que voltei do intercâmbio de seis meses.

Quanto tempo durou esse estágio?

Uns três meses. Estava começando a perceber que eu queria ir para um negócio mais envolvido com arte, educação. Então fui trabalhar como educador na Bienal de Artes, onde tive um ano de experiência, de treinamento.

Que tipo de treinamento?

Três vezes por semana tinha aulas teóricas e práticas educativas. A gente aprendia dinâmica de grupo, conversava com quem já era educador. Nas aulas teóricas tinha estudo de artistas com curadores e uma parte de laboratório, mais educativa. Foram vários meses de treinamento em 2014, até setembro. A Bienal aconteceu em novembro e dezembro.

Fale desse trabalho na Bienal.

Ele mudou minha vida. Sempre tive contato com educação, mas lá era diferente. O público era muito diversificado. Além de muitas visitas de colégios públicos, havia um pessoal do interior que nunca tinha entrado em um museu de arte. Era um convívio muito gostoso para você também aprender o que é arte, o que faz aquilo ser arte.

Como você vê a área de atuação do arquiteto?

Penso em fazer mestrado e doutorado e dar aula. Eu realmente me afastei do mercado de trabalho do arquiteto padrão, de escritório. Os meus amigos que foram para essa área dizem que não está fácil.

Onde você trabalha hoje?

Trabalho há um mês na Galeria Lume, no Jardim Europa. Minha responsabilidade são os projetos culturais de lá. Saraus, cursos, noites de música. O lado bom de trabalhar no mundo artístico é que você tem acesso a diversos agentes desse sistema. Converso com instituições, converso com curadores, com historiadores, com artistas, converso com pessoal de galerias. Nesse mercado tem muita gente trabalhando, auxiliando, dá para você encontrar seu caminho em algo de que você goste ali no meio.

Você pretende manter essa parte artística e ainda lecionar?

Sim. Eu estou estudando para pleitear uma vaga no mestrado na USP. Há um programa de Estética e História da Arte superinteressante. Ele é do MAC (Museu de Arte Contemporânea da USP), mas é interunidades. Tem uma linha

de pesquisa lá dentro que é de produção e circulação de bens artísticos. Eu estou desenvolvendo um projeto sobre o mercado de artes. Como estou entrando nessa área, minha pesquisa precisa não só de conhecimento bom de História da Arte, conceitos de Arte, mas tem que estudar o mercado, estudar economia. É o mestrado que planejo fazer no ano que vem.

Quais são seus planos para o futuro?

Pretendo já estar com mestrado e doutorado, dando aula na universidade e ao mesmo tempo tocando um projeto voltado para o mercado de artes. Por um tempo até pensei em abrir uma galeria, porque em meu projeto de pesquisa estou estudando a inserção de artistas chineses contemporâneos no mercado brasileiro. Pretendo me tornar referência no Brasil em arte asiática, principalmente chinesa. Na Europa e nos Estados Unidos há faculdades com departamento de arte asiática. Aqui não existe essa tradição. Eu queria começar e encabeçar esse movimento no Brasil. Não é fácil, senão já teria gente fazendo.

Quais são suas recordações do Etapa?

Muita coisa. Desde professores ao pessoal do plantão de dúvidas, todos superatenciosos, todo mundo muito dedicado. Sempre que eu olho para trás, eu penso que fui para o lugar certo. O potencial que eu tinha, as ideias que eu tinha, toda minha personalidade de querer estudar casou muito bem com o tempo que passei no Etapa. Se você quer estudar, eles orientam bem. Isso me tocou muito, me motivou. Eu quero ser um professor assim também.

E os amigos da época do colégio, você ainda mantém contato?

Alguns foram para a FAU, passaram junto comigo. Um monte de gente passou na USP. Pessoal que foi fazer outros cursos, todo mundo se encontra. Superlegal.

Quais qualidades é preciso ter para se dar bem em Arquitetura?

Se você quer ser um arquiteto bom mesmo, tem que gostar de estudar porque é um profissional que faz tudo, que precisa de noções de cálculo, de história e de política para conseguir viabilizar seus projetos. Cada projeto é um novo desafio, um novo aprendizado.

O que você pode dizer a quem está pensando em estudar na FAU?

Se você gosta de estudar, gosta de criar, vai fundo. É muito trabalho duro, mas se você quer fazer um trabalho desafiador e se divertir, a FAU é um bom caminho.